

ENTREVISTA COM MICHELLE PERROT

Sheila Schvarzman*

Michelle Perrot participou em maio de 1994 no Brasil, do colóquio "Sentimento (s), Identidade (s): os Paradoxos do Político" organizado em conjunto por Paris VII e pelo Departamento de História do IFCH. Idealizado pelas professoras Maria Stella Bresciani e Vavy Pacheco Borges da UNICAMP, pela própria Perrot, Pierre Ansart e Claudine Haroche de Jussieu, este encontro aprofundou questões de discussão conjunta iniciadas em 1992 em Paris sobre o tema da "Cidadania". Além de conceder esta entrevista, Michelle Perrot fez também uma conferência no Pagu sobre a História da Mulher.

Nesta entrevista, procuramos interrogá-la sobre o seu trabalho. Mas ao fazê-lo, o que realmente emergiu de seu relato foi a própria identidade de Michelle Perrot, mulher e historiadora produzindo e se introduzindo num meio essencialmente masculino. "Na França, diz ela, a História é uma atividade muito prestigiada, e portanto muito masculina".

Mas se Perrot, assim como outras mulheres, abriram seu espaço na historiografia francesa contemporânea, o tema atual de interesse desta historiadora é justamente Georges Sand, escritora e mulher que no século XIX atua politicamente, contrariando as normas de seu tempo.

Cadernos Pagu - Qual é o sentido de discutir hoje sobre "Sentimentos e Identidades" junto com os brasileiros? O que o contato com esta realidade acrescenta ao seu trabalho e ao seu entendimento das coisas?

* Historiadora do CONDEPHAAT e Doutoranda em História do IFCH/UNICAMP.

M. Perrot - Num momento como o atual em que vemos confrontados a definição de democracia e de cidadania ao problema da exclusão, é interessante confrontar a experiência européia, francesa à experiência brasileira. Sempre houve, sobretudo desde o século XIX, contatos estreitos entre a sociedade cultivada do Brasil e da França. Penso nos positivistas, nos socialistas ou republicanos brasileiros que tinham bastante interesse pelo modelo francês. Será que o modelo de cidadania no Brasil é mais comunitarista ou universalista? Como funcionam as relações entre os diferentes grupos? O que quer dizer a democracia no Brasil hoje?

Cadernos Pagu - Desde 1970 suas pesquisas estão ligadas à história das mulheres, mas já em 1949, no seu próprio trabalho acadêmico propôs a Ernest Labrousse, um estudo sobre o tema. Mas seu orientador sugeriu que se dedicasse a greves operárias.

M. Perrot - Quando este problema se colocou para mim, as mulheres e o feminismo não eram importantes nas sociedades ocidentais enquanto os problemas sociais, a questão operária sim. Na realidade, se propus este tema ao professor Labrousse é que li e me interessei pelo "O segundo sexo" de Simone de Beauvoir. Mas eu esperava pela sua resposta negativa. Fiz uma proposição provocativa de jovem estudante que o faria rir porque, francamente estava muito distante de sua perspectiva e também da minha, pois eu pertencia a uma geração de estudantes em sua maioria confrontada mais aos problemas sociais, do que aos problemas de sexo.

Cadernos Pagu - Mas os problemas de sexo não são também um problema social?

M. Perrot - Claro, mas naquele momento essas questões eram colocadas em termos de categoria social, de classe social, ou econômicos. A perspectiva de gênero não existia. Eu

compreendo bem a reação do professor Labrousse. Era uma proposta extemporânea.

***Cadernos Pagu** - Como foi a sua inserção no mundo profissional dos historiadores que na França era marcadamente masculino? Os "Annales" era um "Affaire d'hommes" ?*

M. Perrot - Nessa época (fim dos anos 50 e início dos 60), já era grande o número de jovens mulheres nas universidades, mulheres professoras, mas a própria Universidade, ou a Escola de Altos Estudos onde estavam os "Annales" era um mundo masculino. A área da pesquisa histórica era extremamente masculina. Eu tinha uma enorme admiração por Braudel, Labrousse, Marc Bloch, Lucien Febvre, os grandes pais fundadores da escola dos Annales, adorava tudo aquilo e me dizia se um dia chegasse a escrever nos Annales seria formidável, pois me parecia impossível. E eu não sou a única. Minha amiga Mona Ozouf me disse que tinha esse mesmo sentimento.

***Cadernos Pagu** - Mas isso se devia ao fato de ser mulher ou porque suas preocupações não estariam afinadas com a revista. Era um empecilho de condição feminina ou historiográfica?*

M. Perrot - Como jovem, o acesso era difícil para rapazes e moças, mas para uma moça era ainda mais longínquo. Eu achava que já tivera o bastante: estudar numa universidade, passar a agregação. O restante me parecia impossível. Acho que isso se devia à condição feminina no mundo científico na sociedade intelectual que estava em pleno desenvolvimento nos anos 50 e 60. Éramos ainda muito poucas. Fui nomeada professora assistente na Sorbonne em 1962. Eu era a única mulher em História, porque até então a disciplina histórica era e continua ainda, embora hajam muitas mulheres, mais masculina do que outras. Em Literatura Francesa, línguas, por exemplo, havia muitas mulheres e jovens moças que chegavam rapidamente a posições importantes na Universidade. O número e a

porcentagem era maior nestas disciplinas. Por que? Porque estas disciplinas estavam ligadas ao ensino e à tradução. Na França a tradução foi sempre considerada uma ocupação feminina, um "affaire de femme". Era mais fácil encontrar seu lugar naquilo que era considerado uma profissão feminina do que na História que na França é muito prestigiada, e portanto muito masculina.

Cadernos Pagu - Essa situação a teria conduzido a se identificar e portanto a se dedicar aos "excluídos" ?

M. Perrot - Não ousou dizer isto porque não me considero uma excluída. Ao contrário, tive muita sorte, encontrei homens na Universidade que me ajudaram. Tive dificuldades depois. Parecia que não podia ir mais longe. Mas isso coincidiu com o movimento das mulheres e fui levada por este evento. Meu interesse pelos excluídos é ideológico e político. No início de minha vida tive uma formação católica, eu era muito convicta e muito preocupada com os problemas da pobreza. Quando cheguei à Universidade nos anos 50, era a questão operária que se colocava assim como o ideal comunista, e eu estava muito interessada e seduzida por tudo isso. No fundo eu fiz uma mutação que fizeram muitos intelectuais da minha geração: do pobre para o mundo operário. Eu deixei o mundo da pobreza arcaica que a fé cristã me apresentava na minha educação de moça burguesa para me dar conta de que os verdadeiros excluídos da sociedade francesa em 1950-60 eram a classe operária. De outro lado o professor Labrousse começava a desenvolver estudos sobre o movimento operário e a história operária. Quando ele me propôs que ao invés de trabalhar sobre as mulheres, trabalhasse sobre greves operárias, eu disse sim imediatamente. No fundo o meu verdadeiro interesse era a classe operária que me ocupou durante 20 anos.

Cadernos Pagu - E como passou ao estudo das mulheres?

M. Perrot - foi muito simples, foi o movimento feminista. É necessário não esquecer também que houve maio de 68 e eu participei bastante, mesmo como professora. As estudantes estavam muito chocadas vendo que as mulheres eram sempre secundárias no que acontecia. Como se dizia na época, os rapazes pediam a elas que trouxessem o café. No início dos anos 70, entrei para uma nova Universidade, Paris VII, criada justamente a partir das críticas de maio de 68. É neste momento também que surge o MLF - Movimento de Liberação da Mulher. Com minhas colegas decidimos em 1973 propor cursos sobre a História das mulheres. Fomos tomadas por um movimento que nos concernia diretamente. Num certo sentido trabalhar sobre mulheres era trabalhar sobre mim mesma, reencontrar meus próprios problemas.

Cadernos Pagu - Há uma forma feminina de fazer e de escrever a história?

M. Perrot - Sim e não. Sim na medida em que a questão da mulher e da relação entre os sexos - que é mais importante ainda - foi colocada pelas mulheres. Os homens tomam a palavra homem no sentido universal. Os homens não são todo mundo. Pelas interrogações, pelo assunto, há uma interrogação e um ponto de vista feminino de abordar a história. Mas de outro lado não, porque o método, a forma de trabalhar de procurar as fontes, de escrever, não se diferencia do que eu fazia antes. Eu apliquei à história das mulheres as práticas e o método que utilizei na história operária. Deste ponto de vista não posso dizer que tenha dado um novo método. Senti com as mulheres a dificuldade do "invisível" da invisibilidade da história. Por que é certo, os operários são invisíveis na história, mas menos do que as mulheres porque os operários tem um movimento operário desde o século XIX, fazem greves, estão nas fábricas, criam sindicatos, enquanto as mulheres tem muito pouco disso. Como

dizia o sindicalista Fourier, elas são "o proletário dos proletários".

***Cadernos Pagu** - Mas lendo seus textos, onde a senhora procura desmontar os estereótipos da mulher, por exemplo, como um ser ligado às emoções, enquanto o homem é ligado à racionalidade, é possível sentir nos seus relatos, em suas comparações, a paixão que há neles. Talvez seja a forma de escrever de M. Perrot, mas é o elemento presente.*

M. Perrot - (risos) Pode ser.

***Cadernos Pagu** - E isso não é bom? Uma marca de trabalho feminino?*

M. Perrot - É verdade, não se deve recusar a própria identidade feminina.

***Cadernos Pagu** - Os escritos e a atuação política de Georges Sand são o tema atual de suas preocupações. Por que retomá-la hoje?*

M. Perrot - Preparo a edição dos escritos políticos de Georges Sand. Há hoje na França uma feliz redescoberta desta grande mulher. Ela está sendo revalorizada como escritora e podemos tomá-la como uma mulher de cruzamentos. Ela deixou uma correspondência extraordinária de 25 volumes, 25 mil cartas que vão de 1830 até 1876 ano da sua morte, que constitui um testemunho impressionante e apaixonado da vida intelectual, literária, política, e também particular da França, porque ela escreve ao seu marido, aos seus amantes, aos seus filhos - ela teve 2 - seus amigos e amigas criadores da época. (Chopin, Flaubert, Balzac). O que me interessa é o seu lado político. É interessante examinar como uma mulher podia agir no terreno político, num momento em que sequer tinham o direito de votar. Georges Sand tinha uma concepção moral da política: lutar pela justiça social. Dizia: "a república é um meio, o socialismo um

objetivo e solução do problema social". Estudá-la me permite juntar duas coisas que me interessam muito: as mulheres e a política.

Cadernos Pagu - *Sand tinha uma maneira feminina de fazer política?*

M. Perrot - Sim. Hoje, dia 21 de abril de 1994 faz apenas 50 anos que o voto feminino foi introduzido na França, que foi o último país da Europa a fazê-lo. Como se pode ver, é paradoxal, mas as mulheres estiveram por muito tempo excluídas da política na França. Georges Sand era excluída, e fez política pela margem, fora das instituições que eram interditas às mulheres. E teve um papel tipicamente feminino de auxiliar. Em 1848 durante a Revolução, ela estava ligada a todos os homens que faziam parte do governo da Segunda República, socialistas que procuravam construir uma república social. Durante dois meses ela redigiu o Boletim da República. São textos bastante femininos e obrigatoriamente anônimos pois as instituições não lhe permitiam aparecer diretamente. Mas neste mesmo período ela fundou e assinou a "La Cause du Peuple" que teve apenas 06 números.

Cadernos Pagu - *Se vestir de homem era uma artimanha feminina para ter acesso ao mundo masculino?*

M. Perrot - Ela começa a se vestir de homem entre 1830, 1831, tem 26 anos. É o momento que, ainda casada mas já insatisfeita ela abandona o seu marido e vem para Paris e quer escrever. Adota o pseudônimo de Geroges Sand e se veste de homem para ter maior liberdade: ir ao teatro sozinha, e à Câmara dos Deputados que era evidentemente proibida para as mulheres. Se tolerava na época o fato de mulheres se vestirem de homem. Sand não era a única. Depois da revolução de 1830 havia Flora Tristan e outras escritoras.

Cadernos Pagu - A maior produção de conhecimento sobre as mulheres já altera a sua auto-identidade e a sua relação com os homens? Ou a relação entre os sexos?

M. Perrot - Não mudou muito, um pouco. Hoje as mulheres se situam melhor no tempo, no espaço, nas relações de poder. As francesas estão muito contentes que se faça a história delas. Há uma grande demanda. Elas se interessam, se identificam. Fazem relações com o passado. É um instrumento para se situar melhor, inclusive para mim pessoalmente. Do ponto de vista da história das mulheres e da relação entre os sexos, o Brasil é um país apaixonante, e temos muito a aprender com os brasileiros. Com o tempo não teremos apenas a história das mulheres ocidentais, mas das mulheres de todos os países e poderemos fazer comparações interessantes.

PRINCIPAIS OBRAS DE MICHELLE PERROT

- . Les Ouvriers en grève - France, 1871-1890, Paris, Mouton, 1974.
- . L'impossible prison - Paris, Seuil, 1980 (em colaboração com M. Foucault).
- . Une histoire des femmes est-elle possible - Paris, Rivages, 1984.
- . Os excluídos da história: Operários, mulheres, prisioneiros - São Paulo, Paz e Terra, 1988. Coletânea de artigos organizados por M. Stella Brescianni.
- . História da vida privada vol. IV - Da Revolução Francesa à Primeira Guerra - São Paulo, Cia das Letras, 1992.
- . História das Mulheres - em 05 volumes em colaboração com Georges Duby.